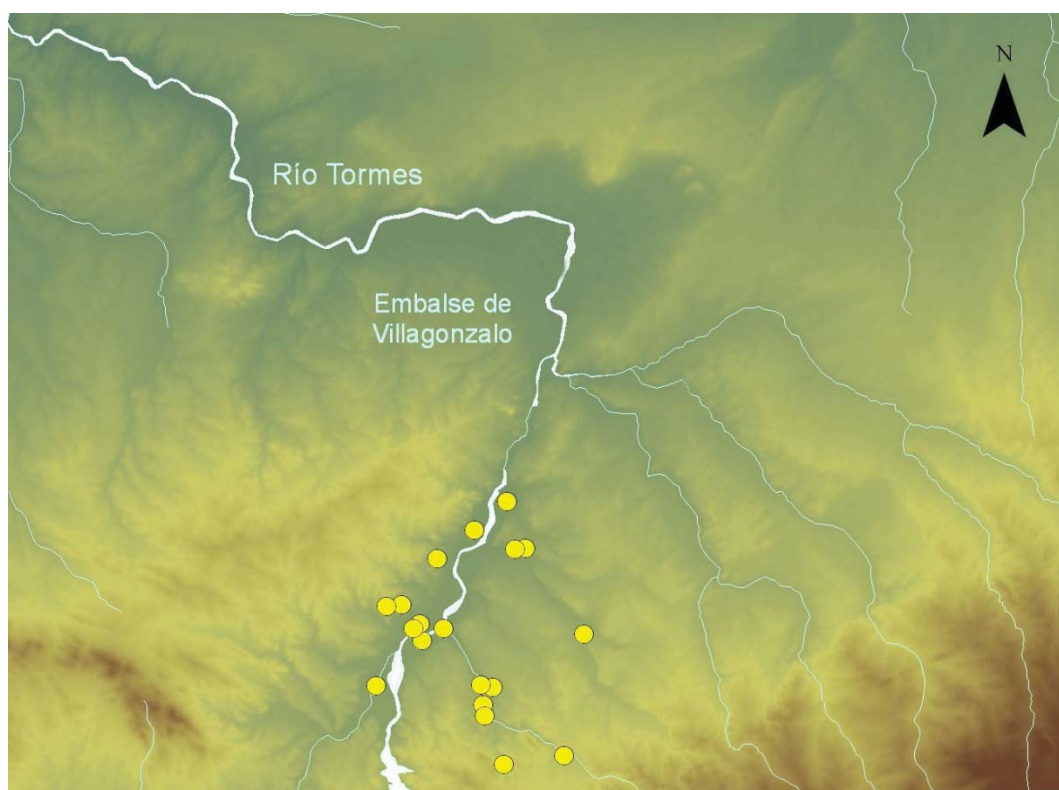


SCIENTIA ANTIQUITATIS



ESTRATÉGIAS DE POVOAMENTO:
DO PERÍODO ROMANO AO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Espacios agrarios en transición: lo que nos aportan las prospecciones intensivas Victorino Mayoral Herrera	5
La escenografía del poder en los grandes complejos de la Antigüedad Tardía: los triclinia tríabsidados en la pars occidentalis del imperio Miguel Angel Valero Tévar	27
Afinal, o que é uma villa? Entre as referências literárias e a materialidade arqueológica do conceito André Carneiro	47
Ocupación territorial en época romana en el valle medio del río Tormes: modelos de poblamiento y estrategias de explotación del territorio Verónica Pérez de Dios	69
Apontamentos sobre o povoamento de Época Romana no Concelho da Chamusca (Santarém, Portugal) Raquel Lázaro	85
Povoamento rural romano no concelho de Arronches: Um território com diferentes estratégias de ocupação António Lopes	103
De Liberalitas Iulia a Yábura – a evolução diacrónica de Évora a partir do exemplo do Paço dos Lobo da Gama (séc. I – XII d.C.). Resultados preliminares Eva Basílio e José Santos	111
Circulação Monetária na Freguesia de Pias (Concelho de Serpa, Distrito de Beja). Quando Roma era Império Marco Valente	131
Para uma reconstituição do mundo funerário alto-medieval do Concelho de Cascais (séculos VI- VII) Catarina Meira	145
La ausencia de asentamientos rurales versus presencia de necrópolis en roca. Problemas de interpretación del registro arqueológico M ^a de los Reyes de Soto García	161
O Sítio Arqueológico do Mascarro no contexto do povoamento antigo no concelho de Castelo de Vide Sílvia Ricardo	181
Evidência das relações comerciais do porto de Tavira através da cerâmica Sandra Cavaco e Jaquelina Covaneiro	195

Evolução do espaço urbano da cidade de Tavira: resultados preliminares Jaquelina Covaneiro e Sandra Cavaco	219
Ajuares personales en el contexto funerario: algunos ejemplos de la necrópolis tardoantigua de Plataforma de Peñarrubia, (Campillos, Málaga) Irene Salinero-Sánchez	243
Vías de comunicación y espacios funerarios: Jaén, Granada y Málaga durante la Antigüedad Tardía como paradigma de estudio Irene Salinero-Sánchez	257
O período medieval-islâmico em Évora. Um olhar sobre o quotidiano. Séculos VIII-XII José Rui Santos	269
Caminhos antigos do concelho de Monforte: A Canada do Alicerce Paula Morgado e Leonor Rocha	287
Reconstrucción de vías y senderos históricos Willem Vletter	309
DO RIO SEVER A MARVÃO - um ensaio de arqueologia espacial Jorge de Oliveira	317

**CAMINHOS ANTIGOS DO CONCELHO DE MONFORTE:
A CANADA DO ALICERCE**

Paula Morgado¹⁴

Leonor Rocha¹⁵

Resumo:

Os caminhos antigos foram utilizados durante um longo período de tempo existindo ainda em meados do séc. XX, indícios da sua utilização recorrente. A Canada do Alicerce é um destes caminhos antigos que atravessa parte do atual concelho de Monforte e que, aparentemente, coincide, parcialmente, com as antigas Vias Romanas, do Itinerário de Antonino PIO.

Neste trabalho pretende-se explorar os eventuais caminhos antigos deste concelho, com base na conhecida “Canada do Alicerce”, em Monforte.

Palavras-Chave: Vias; Caminhos antigos; Monforte; Portugal

Abstract:

The ancient roads were used during a long period of time existing still in mid of the 20th century evidences of its recurrent use. The Canada do Alicerce its one of those ancient roads which crosses part of the municipality of Monforte, which apparently matches, partially, with the ancient Roman Roads, of the Antonino PIO's itinerary.

In this work we aim to explore eventual ancient roads of this municipality, based on the known "Canada do Alicerce" at Monforte.

Keywords: Ancients pathways; Monforte; Portugal

¹⁴ Arqueóloga. Câmara Municipal de Monforte. CHAIA

¹⁵ Escola de Ciências Sociais/UÉ. Investigadora do CEACCP - Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património/ UALg. CHAIA/UÉ [2016] - Ref.º UID/EAT/00112/2013 [CHAIA/UÉ 2014] - [Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia]

1. Introdução

O actual concelho de Monforte localiza-se no Norte Alentejano, sendo um dos 15 municípios do Distrito de Portalegre. Pela sua localização geográfica confronta-se com oito municípios; a Norte, Este e Oeste com os de Fronteira, Alter do Chão, Crato, Portalegre, Arronches e Elvas no distrito de Portalegre; Borba e Estremoz, a Sul, fazem já parte do distrito de Évora.

Esta posição, geograficamente encaixada, implica a existência de uma rede de caminhos que ultrapassa a actual circunscrição administrativa alargando-se no espaço e no tempo por forma a suprir as necessidades de circulação no território, desde tempos muito recuados. Na designação de “antigos” não definimos por isso limites temporais de acordo com uma periodização histórica tradicional, até porque tal se nos afigura de difícil aferição, considerando antes passíveis de integrar neste conceito todos os vestígios de caminhos que se apresentam como marcas visíveis no território ou, ainda que não mantenham a sua materialidade física, se encontrem suficientemente documentados pelas fontes literárias, cartográficas ou orais.

No actual estado de conhecimentos e de tratamento da informação disponível, o estudo de uma rede integrada de caminhos antigos no concelho de Monforte encontra-se ainda numa fase incipiente. Vários são os exemplos que se conhecem de troços mais ou menos marcados no terreno, com ou sem pavimento, sobrepostos às características naturais do solo, mas que na maioria dos casos não permitem uma leitura de continuidade nem a sua inserção numa rede alargada por não passarem, de facto, de fragmentos dispersos de uma realidade truncada ou irremediavelmente desaparecida. As destruições que ao longo dos anos têm sido perpetradas nestas vias de passagem, em concreto com lavras mais ou menos profundas, ou outros actos de incúria, bem como o fechar a cadeado de caminhos usados desde tempos imemoriais, inviabilizam o acesso às/ou pelas propriedades privadas de muitos hectares, impedindo a natural circulação no território.

Os percursos talhados ao longo de muitas gerações, seguindo o natural ondular do relevo e vencendo os obstáculos na paisagem são, no entanto, ainda hoje uma realidade presente neste território apesar de muitas vezes, o conhecimento expresso

pelas memórias recentes das fontes orais não encontrar correspondência com a realidade de terreno, devido aos fatores anteriormente referidos. Mesmo quando se tenta realizar o percurso de forma pedonal, os constrangimentos à circulação no campo vêm-se aumentados pela imposição das muitas cercas de arame que crescem em altura e em perigosidade com a progressiva electrificação. Estas questões da livre circulação no espaço físico dificultam a realização de trabalhos de prospecção arqueológica de terreno, tão necessários à confirmação *in loco* da informação recolhida.

Por outro lado, e talvez condicionados por esta realidade ou apenas pelos percursos de investigação dos diferentes intervenientes, os próprios trabalhos de campo desenvolvidos até ao momento não têm sido direccionados de forma sistemática para o levantamento e análise deste tipo de vestígios, à excepção de alguns trabalhos de meados do séc. XX (Saa, 1956) e de uma abordagem mais recente, de início do séc. XXI (Carneiro, 2011), que focam sobretudo o traçado viário de época romana.

2. A Canada do Alicerce

Na ausência de uma síntese da rede viária antiga no território de Monforte, que sirva de base a um estudo alargado no espaço e no tempo histórico, procurou-se compilar toda a informação disponível (cartográfica, documental, bibliográfica e oral) sobre um caminho de origem romana localmente conhecido como “*Canada do Alicerce*”, “*Estrada do Alicerce*”, “*Via Latina*” ou “*Alicerce*”, do qual subsistem vários pequenos troços conservados. Este trabalho abrange apenas um percurso de cerca de 10 km de estrada, correspondente aproximadamente a 6,7 milhas romanas¹⁶, desde a sua entrada no concelho de Monforte, a partir do atual concelho de Arronches, até à sua saída pelo concelho de Portalegre. Com base nesta informação poder-se-á perspetivar a realização de trabalhos de prospecção intensiva para a definição rigorosa do seu traçado e possível valorização turístico - cultural.

O traçado deste caminho corresponde, de forma geral, à via romana que se localiza mais ao norte de concelho de Monforte, sendo o termo “*canada*” aplicado a um antigo caminho utilizado na transumância de gados que, em vários troços, segue

¹⁶ Fazendo a correspondência de 1 milha romana a 1481,5m.

paralelamente ou sobrepondo-se à antiga estrada romana. Por este motivo a utilização dos nomes “canada” e “alicerce” surgem frequentemente associados, tanto na oralidade como na bibliografia. Em termos gerais terá correspondência com a designada via XV descrita no Itinerário de Antonino, uma das três vias que ligavam a capital da Lusitânia, *Emerita Augusta*, ao seu porto de mar, *Olisipo* (Saa, 1956). Contudo, apesar dos diversos estudos realizados sobre o tema, o traçado exacto destes percursos levanta ainda algumas dúvidas, pela dificuldade de identificação no terreno das localidades mencionadas. Por esse motivo desconhece-se se existiria uma correspondência entre a actual povoação de Assumar, na proximidade da qual passa um dos troços mais bem conservados, e um dos pontos de povoamento referidos.

Relativamente aos registos gráficos e escritos disponíveis sobre a “*Canada do Alicerce*”, possuímos a informação que consta nas fontes cartográficas e em alguma documentação antiga, com referências mais ou menos directas sobre o traçado desta via. Numa planta da Herdade do Assumar¹⁷ (Abreu, 1858) de finais do séc. XIX é possível identificar a passagem da via existindo ainda a referência a um sítio romano na proximidade da via (Fig. 2), que corresponderá a uma villa romana sobre a qual foi construído um considerável conjunto de edifícios hoje pertencente a um Centro de Recuperação de menores (desativado). Embora a localização da estação de *Ad Septem Aras* seja muito provavelmente em Campo Maior, a sua localização tem sido referida como sendo no Assumar (o que se observa neste mapa), talvez pela sonoridade da palavra. Importa salientar a proximidade de um ponto de povoamento romano em relação à via, situação que se verifica na maioria do traçado.

¹⁷ As autoras agradecem ao Prof. Doutor Jorge de Oliveira a indicação deste mapa

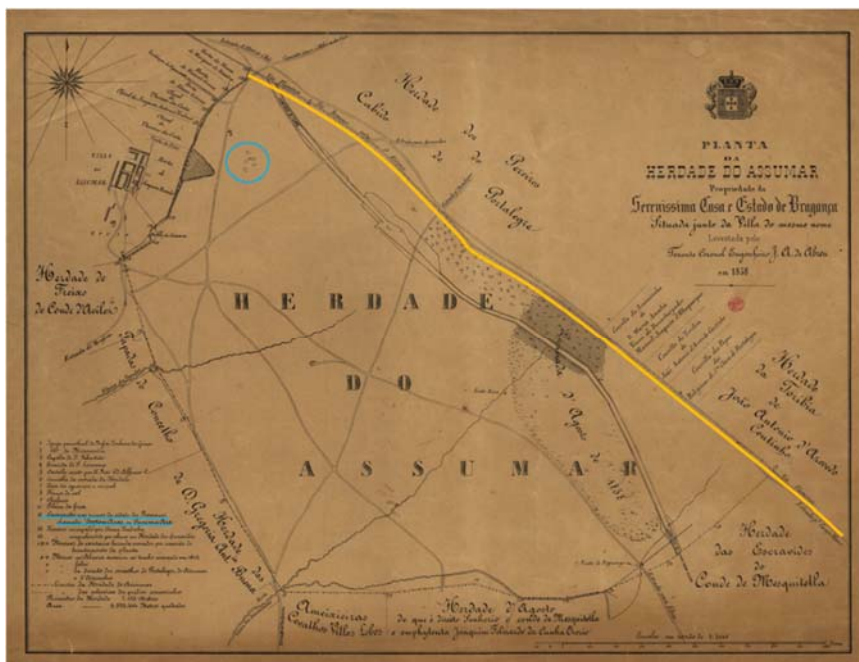


Fig. 1. Planta da Herdade do Assumar, 1858 (Abreu, 1858). Realça-se a amarelo o traçado legendado como “Via Flaminia” dos romanos, vulgo “O Alicerce”, que corresponde ao troço atualmente mais acessível e que se encontra delimitado de ambos os lados por uma vedação que a separa das propriedades envolventes.

Os dados materiais mais seguros para a recuperação do itinerário, como sejam pontes ou marcos miliários encontram-se ausentes da paisagem, as primeiras porque o relevo e a transposição de cursos de água não as terá exigido e, os segundos, porque a terem existido no troço em questão, deles não se conserva qualquer vestígio ou memória.

Relativamente a inscrições romanas conhecidas para o concelho de Monforte, em possível associação com traçados viários¹⁸, encontram-se fora da área abrangida por este troço, pelo que não constituem elementos informativos sobre o traçado do “alicerce”. A análise é assim feita a partir de marcas vestigiais que subsistem no terreno e do conhecimento disponível acerca dos pontos de povoamento romano da área envolvente, a partir da bibliografia existente e de trabalhos de prospecção realizados no âmbito de projetos de investigação programada, coordenados pelas signatárias.

Quanto a fontes escritas mais recentes, o documento que apresenta dados mais concretos sobre o troço viário em análise data de 1911 e intitula-se “*Relatório apresentado pela Comissão de Peritos encarregados do reconhecimento da Canada do Alicerce nos concelhos de*

¹⁸ Caso da ara dedicada aos *Lares Viales* proveniente da herdade das Esquilas, situada no alinhamento da via XIV, que passaria mais a sul do concelho de Monforte.

Arronches, Crato, Monforte e Portalegre” e encontra-se disponível para consulta no Arquivo Histórico de Monforte¹⁹ (Fig. 2). Aí são sistematizadas, na forma de quadro, algumas informações específicas: i) os topónimos das propriedades que a via atravessa e os respetivos proprietários; ii) confrontações com outras propriedades; iii) a situação geográfica das propriedades relativamente à canada; iv) a direção geográfica que segue o alicerce; v) as dimensões (comprimento e largura) da canada; vi a extensão da via em cada propriedade e, por último, vii) um campo reservado a observações, com indicações de terreno bastante precisas.



Fig. 2 – Reprodução da capa do documento de 1911, intitulado “Relatório apresentado pela Comissão de Peritos encarregados do reconhecimento da Canada do Alicerce nos concelhos de Arronches, Crato, Monforte e Portalegre”

Na realidade, é no campo “*observações*” que se obtém as informações mais relevantes para a detecção da via, indicando pistas precisas como fornos de cal, caminhos e localização em relação à linha de caminho-de-ferro, por exemplo. No entanto, embora apenas à distância de um século, as profundas alterações que ocorreram na fisionomia

¹⁹ Fundo documental: Câmara Municipal de Monforte; Secção: M/ Obras; Subsecção: M/A Edificações Municipais; Série: Cópia do relatório apresentado pela comissão de peritos sobre a Canada do Alicerce; Ano: 1911

dos campos, em grande medida ditadas pela mecanização agrícola, dificultam a visualização de alguns desses elementos de referência.

Todas estas informações, organizadas de forma idêntica para os quatro concelhos abrangidos, resultaram do trabalho de campo realizado num curto espaço de tempo (oito dias) por uma comissão de peritos, de composição indeterminada no que concerne à sua formação e competências. Esta comissão desenvolveu trabalhos de reconhecimento, servindo-se pontualmente de informadores locais, com conhecimento prático do terreno, para ajudarem a confirmar os pontos de passagem do caminho.

De acordo com este levantamento, a “*Canada do Alicerce*” seria composta por duas faixas de terreno que ladeavam a antiga via romana. Na própria metodologia utilizada para o registo de campo é feito o reconhecimento destas duas faixas, que seguiam o alinhamento da estrada romana ou se afastavam dela ligeiramente para depois a retomar. Verifica-se o cuidado em distinguir o que seria o traçado da “*Canada*”, enquanto caminho de passagem de gados, e do “*Alicerce*” enquanto estrada romana, apesar da sobreposição frequente das duas. Na atribuição da largura de cada uma, é feita uma média a partir dos vestígios conhecidos nos vários concelhos, resultando numa proposta de 20,50m para a canada e de cerca de 5m para a estrada romana, se bem que as variações reais pudessem ser de vários metros em diferentes troços destes caminhos.²⁰ Estas eram, no entanto, medidas de referência, pelo que se deduz que mesmo na época, e a uma distância temporal de cerca de um século, haveria troços destas vias cujo estado de conservação deixava algumas dúvidas relativamente ao traçado, o que reflecte desde logo o estado de abandono ou de insuficiente manutenção destes caminhos. Transcrevem-se para um quadro - síntese os dados considerados relevantes para a realização de um trabalho exaustivo de prospecções de terreno, direccionadas para o reconhecimento da via no seu actual estado de conservação (Fig.3).

A análise deste documento levanta, contudo, alguns problemas relativamente à toponímia, mais concretamente na correspondência entre nomes referidos e nomes registados na cartografia e na oralidade, estando em curso o estudo exaustivo destes elementos. Também no que às distâncias assinaladas diz respeito, se colocam algumas

²⁰ Para o concelho de Monforte, junto à coutada de Assumar, herdade do Outeiro e Escravides, esta largura aumenta para 24,60m, como se observava à data no terreno.

interrogações relativamente aos pontos concretos de início e fim das medições efectuadas. Esta situação verifica-se sobretudo quando tentamos fazer o exercício de seguir o percurso indicado sobre uma carta militar, em que não conhecemos exactamente o sítio de referência para o início da contagem, mas o nome do prédio rústico onde se localiza. A inexistência de coordenadas geográficas não permite assim estabelecer, com rigor, o traçado proposto neste levantamento de 1911.

A investigação posteriormente realizada por Mário Saa não ignora a existência deste documento de 1911, se bem que não saibamos de que forma se serviu dele para a realização dos trabalhos de campo, até porque em situações concretas não refere vestígios no terreno que ainda hoje são bastante claros (Carneiro, 2011: 189). Na realidade, desconhecemos como este investigador realizou os seus trabalhos de campo e, relativamente à comissão que elabora o documento de 1911, apenas sabemos que os mesmos foram efectuados em Fevereiro, numa única deslocação ao campo. A menos que os vestígios fossem bem visíveis, consideramos que uma correta percepção das realidades de terreno careceria de várias idas ao campo, em momentos distintos do ano e com diferentes graus de visibilidade do solo.

Após a conclusão deste levantamento de 1911, é enviada logo em Maio do mesmo ano, uma proposta de edital à Comissão Administrativa do Município de Monforte “*convidando quem se julgue com direito a quaesquer parcelas de terreno da Estrada ou Canada do Alicerce, Via Latina ou Estrada Romana a apresentar os seus titulos na secretaria da Camara do Concelho [...] e avisando que os terrenos da mesma Estrada que se verificar serem municipaes serão desamortizados por aforamento*”²¹. Este levantamento teve como objetivo devolver ao domínio público o espaço ocupado pela antiga canada e via romana que, ao longo do tempo tinha vindo a ser ilegitimamente integrada em propriedades privadas.

O trabalho de demarcação da via já havia sido realizado para o vizinho concelho de Arronches, em 1745, altura em que se colocaram marcos identificadores no terreno. No entanto, em 1911, já poucos marcos se conservavam, tendo muitos deles sido suprimidos ou desviados da sua implantação original e vários troços da via destruídos integralmente pelas lavras dos terrenos. Esta situação indicia que os proprietários seriam pouco recetivos à passagem de um caminho público nas suas terras, independentemente da sua antiguidade.

²¹Excerto do ofício que acompanhava o relatório do reconhecimento da Canada do Alicerce

Para o concelho de Monforte não se conhece qualquer documentação que comprove idêntico levantamento nem se conhece qualquer marco com estas características no terreno, mas há referências orais a destruições pontuais provocadas pela realização de trabalhos agrícolas, que acabaram por danificar vestígios do pavimento empedrado, já por si muito fragilizado.

Na correspondência a que tivemos acesso, e que acompanha o trabalho de levantamento da “*Canada do Alicerce*”, vários proprietários ter-se-ão manifestado de forma efusiva contra qualquer tentativa dos seus terrenos virem a ser considerados do domínio público, não reconhecendo qualquer direito ao município sobre os mesmos. A base desta contestação assenta no fato desta se encontrar inserida em propriedade privada desde tempos imemoriais, constando dos títulos de propriedade que possuíam e ameaçavam recorrer aos tribunais para salvaguardar os seus direitos. De fato não se tratava de um pequeno caminho, mas de uma faixa de terreno bastante larga com várias centenas de árvores plantadas, sobretudo azinheiras, sobreiros e oliveiras²², o que por certo pesaria na altura de devolver terrenos ao domínio público. Não se conhece documentação com a resposta do município à exposição dos vários proprietários mas, calcula-se, que não acabou por não haver nenhuma alteração em relação à questão da posse dos terrenos, e que a “*Canada do Alicerce*” continuou inserida, na maior parte do seu traçado, nas propriedades privadas, onde ainda hoje se encontra (Fig. 3).

²² No levantamento de 1911 surge descrita a quantidade e tipo de árvores localizadas na faixa de terreno abrangido pela *Canada do Alicerce*.

2.1. O traçado do caminho



Fig. 4. Passagem da via em extensões de relevo suave (vista a partir da via, para Este)

Em termos gerais, a via entraria no concelho de Monforte a partir de Sudeste, pelo Monte do Outeiro e seguiria numa linha quase reta, orientada para NO, junto ao limite geográfico com o concelho de Arronches, até perto da povoação de Assumar, que contornaria junto ao actual edifício do Centro de Recuperação de Menores, inflectindo depois mais para Oeste, onde segue muito próxima ou chega mesmo a coincidir com o actual limite concelhio entre Monforte e Portalegre, até acabar por sair do concelho, no sentido do Crato.²³

Na herdade do Alcaide, localizada na recta final deste troço, e prolongando-se para o concelho de Portalegre, a bibliografia (Alarcão, 1988:150) e as referências orais dos trabalhadores rurais apontam para vestígios evidentes de estrada romana, que atualmente se encontra oculta pela vegetação. A ocorrência de vários pontos de povoamento com vestígios de época romana junto a este traçado, como no caso do sítio de Canas, reforça o percurso desenhado, como se pode verificar através da Figura 5.

²³ A sobreposição dos limites que circunscrevem o concelho à via romana pré existente verifica-se também em situações pontuais nos outros dois itinerários de ligação entre Emerita e Olisipo, respectivamente as vias XII e XIV (Almeida, Carneiro *et al*, 2001)

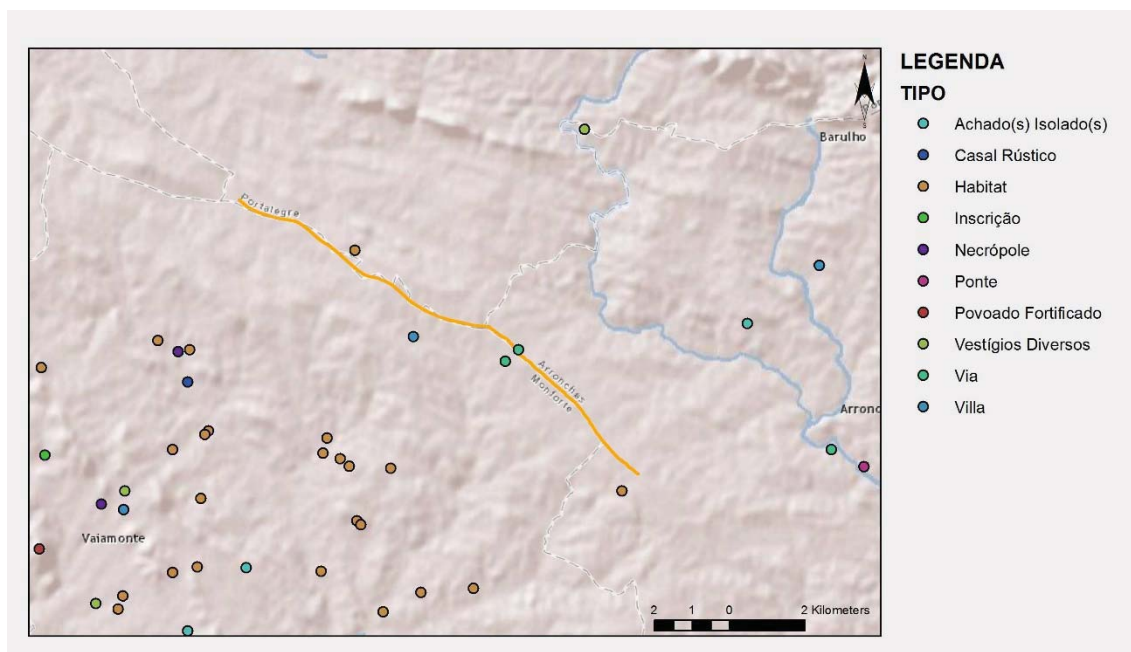


Fig. 5. Mapa com a agregação de toda a informação do traçado e das ocorrências materiais de época romana identificadas no terreno (Mapa de G. Branco).

Presentemente, o único troço que se mantém aberto e acessível à circulação pedonal e de veículos agrícolas, é o caminho pelo qual se faz a demarcação entre os concelhos de Arronches e Monforte e que consta já da cartografia do séc. XIX, em concreto da planta de 1858, da Herdade de Assumar²⁴ anteriormente referida (Fig. 1), mantendo-se um caminho bem marcado entre propriedades privadas. Nessa cartografia salientou-se (a amarelo) o traçado legendado como “Via Flaminia dos romanos, vulgo O Alicerce”, que corresponde ao troço atualmente mais acessível mas delimitado de ambos os lados por uma vedação que a separa das propriedades envolventes.

Ainda neste mapa, como se referiu anteriormente, encontra-se assinalado um sítio romano na proximidade da via, concretamente como “*Escavações nas ruínas da cidade dos Romanos chamada Septem Ara ou Summa Ara*”, que corresponderá ao sítio de S. Lourenço (Vasconcellos, 1929; Alarcão, 1988). Neste sítio romano, situado a poucas dezenas de metros para sul da via, sobre o qual se implantou a ermida de S. Lourenço e posteriormente um conjunto de edifícios recentes, foram recolhidos materiais como cerâmicas, tegulae e fragmentos de mosaico romano, o que levou à sua caracterização como villa.²⁵

²⁴ Planta da herdade do Assumar, propriedade da Sereníssima Casa e Estado de Bragança, situada junto da Villa do mesmo nome. Levantada pelo Tenente Coronel Engenheiro, J. A. de Abreu, em 1858.

²⁵ Aquando da realização de obras junto a um dos edifícios foram recuperados pelo município diversos materiais arqueológicos que se encontram em depósito na Reserva Arqueológica do Município de Monforte.

Pela leitura deste documento somos levados a crer que a povoação de Assumar coincide espacialmente com a localização da estação de *Ad Septem Aras*, mencionada no itinerário de Antonino (Saa, 1956). Contudo, a localização da maioria destas povoações permanece incerta até hoje. Relativamente a *Ad Septem Aras* e de acordo com alguns dos vários autores que sobre este tema se têm debruçado, poderá situar-se junto da atual fronteira com Espanha, em Campo Maior (Saa: 1956, Tomo I, Livro IV: 294) ou Degolados (Alarcão, 2006: 229), não sendo colocada a hipótese do Assumar, tanto no que à contagem das milhas diz respeito, como às evidências arqueológicas significativas. Este topónimo, que surge repetido no percurso da via XIV e XV, poderá indiciar a existência de um nó de ligação entre ambas, embora as muitas dúvidas que ainda subsistem não permitam realizar outro tipo de análise. O nome poderá também, indicar a proximidade da estação viária em relação a um santuário, ainda que não tenha sido possível, até ao momento, localizar o mesmo no território (Alarcão, 2006: 230). André de Resende, no séc. XVI, ao colocar a hipótese sua localização na povoação de Assumar terá contribuído para que este nome fosse assumido junto da população local como uma verdade histórica. Ter-se-á procurado na legitimação deste topónimo, conferir importância, pela antiguidade, à povoação do Assumar.

Ainda neste mapa, o troço de via que surge já assinalado é referido repetidamente por vários autores (Vasconcellos, 1929; Saa, 1959; Alarcão, 1988; Carneiro, 2004), precisamente por apresentar características físicas e de inserção em traçados viários mais abrangentes que o permitem classificar de forma segura, como romano. Importa salientar a proximidade de dois pontos de povoamento romano em relação a este troço da via, nas proximidades da atual estação de caminho de ferro do Assumar: o sítio de S. Lourenço (já referido) e o sítio do monte das Pereiras, do outro lado da via, no atual concelho de Arronches. A presença de sítios romanos verifica-se aliás noutros locais ao longo do eixo da via romana do Alicerce, como seja o monte das Naves, Canas ou Alcaide, fazendo uma leitura no sentido NO.

Nos anos 90 do séc. XX, foram realizadas sondagens arqueológicas nesta via, junto à linha do caminho-de-ferro, a poucas dezenas de metros da estrada municipal que segue do Assumar para a povoação de Arronches. Destes trabalhos dos quais não conhecemos qualquer relatório, apenas os relatos orais de participantes nessas escavações, temos a referência à existência de um pavimento constituído por empedrado

miúdo a poucos centímetros de profundidade, idêntico ao que se observa actualmente em alguns troços.



Fig. 6. Vista da área onde se refere a realização das sondagens.

André Carneiro (Carneiro, 2011) apresenta uma proposta para três vias romanas do itinerário de Antonino que asseguravam a ligação entre a capital provincial (Emerita Augusta) e o seu porto de mar mais próximo (Olisipo), propondo que duas dessas vias atravessassem o concelho de Monforte: a via XIV, mais a sul, servindo a villa romana de Torre de Palma, seguindo depois por Alter do Chão; a via XV, que corresponde parcialmente à estrada romana do Alicerce e que passa pelo limite norte do concelho, seguindo em direcção ao Crato. Para este troço da via XV não se conhecem marcos miliários no terreno ou daí provenientes, embora a partir de uma informação oral com referências pouco claras a “coluna com letras” possamos colocar a hipótese da sua existência. O autor materializa a sua proposta num mapa (Fig.7), no qual assinala os pontos de povoamento em época romana, em relação com o traçado viário.²⁶ Esta correlação reforça a cronologia das três vias assinaladas, bem como o possível percurso da “canada do alicerce”. Já na releitura que efectua de “As grandes vias da Lusitânia – O itinerário de Antonino Pio” podemos visualizar estes traçados, sobrepostos ao mapa da autoria de Mario Saa. (Carneiro, 2008)

²⁶ As autoras agradecem a cedência do mapa para reprodução neste artigo



Fig. 8. Traçado provável da Canada do Alicerce nas CMP. 1: 25000

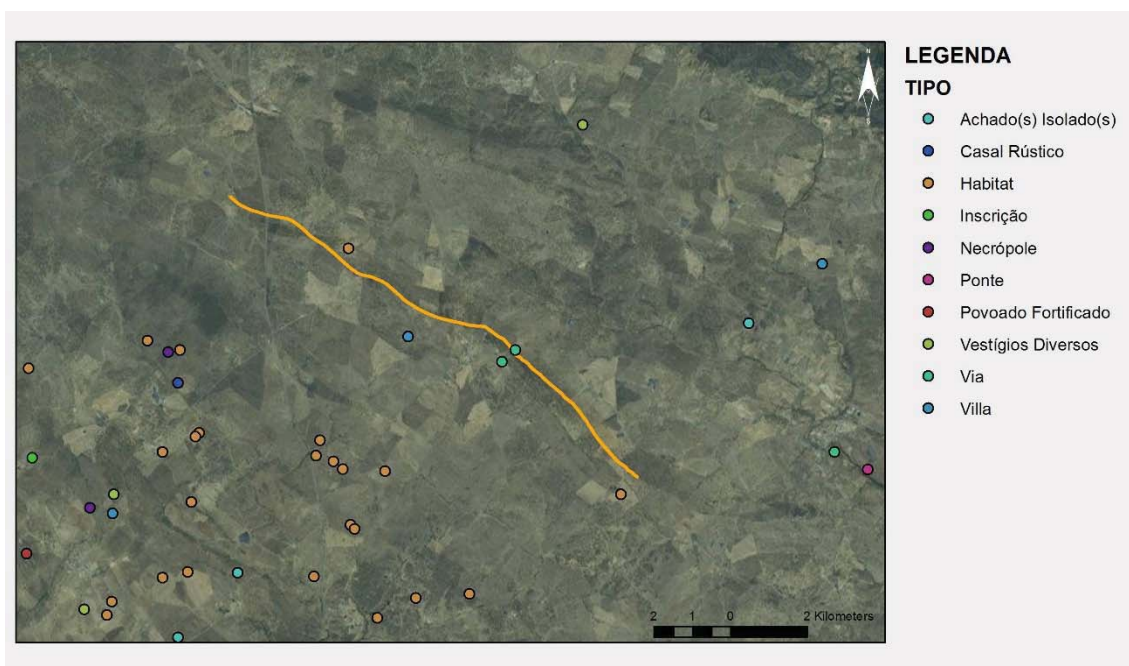


Fig. 9. Traçado provável da Canada do Alicerce sobre Ortofotomapas (Mapa de Gertrudes Branco)

Relativamente aos actuais vestígios no terreno, existem alguns troços bastante bem conservados, correspondendo aos segmentos assinalados pela cartografia antiga, anteriormente referida. O relevo suave facilita a circulação no terreno e permite a existência de troços que seguem em linha reta durante vários quilómetros, sem que seja necessária a presença de infraestruturas para transposição de acidentes geográficos.

Em termos gerais o traçado da Canada do Alicerce desenvolve-se num relevo muito suave, sem atravessamento de linhas de água ou desníveis de terreno,

significativos. As imagens apresentadas anteriormente mostram os troços que permanecem visíveis, uma vez que a contínua utilização impede que a vegetação os cubra por completo. De qualquer forma, apenas onde o afloramento rochoso não serve de base e onde o solo barrento dificultava a circulação seriam colmatados com pedra miúda, à semelhança do que ainda hoje existe. Soluções simples como a elevação da estrada em relação aos terrenos que a marginam seriam suficientes para permitir a circulação mesmo durante épocas mais chuvosas, sem necessidade de empregar meios mais onerosos ou recorrer a construções marcantes.

Tendo como base de partida os trabalhos realizados a uma escala mais ampla, que abrangem todo o itinerário da via entre *Emerita* e *Olisipo*, e particularizando com o levantamento minucioso realizado em 1911, perspectiva-se a realização de campanhas de prospecção e outros trabalhos arqueológicos, numa perspectiva ideal escavações em pontos específicos da via e em sítios romanos nas imediações, que sirvam efectivamente para confirmar ou invalidar a uma micro escala a passagem da via XV pela freguesia do Assumar, em concreto pelo traçado que se supõe.

A realização de prospecções intensivas no âmbito do projeto da Carta Arqueológica de Monforte tem em vista o registo integral das realidades de terreno e a análise do potencial histórico e patrimonial dos vestígios materiais e imateriais, em articulação com os modos de ver e sentir da população local. Sendo o conhecimento e o registo indispensáveis para a preservação do património, prevê-se o levantamento topográfico da via romana e a sinalização de forma pontual de troços de fácil acesso, promovendo a sua preservação com a utilização informada (cicloturismo e pedestrianismo). O estabelecimento de parcerias com os concelhos vizinhos permitiria reunir esforços e realizar um estudo integrado solidamente apoiado pela pormenorização dos trabalhos desenvolvidos a uma micro escala no terreno, abrindo literalmente as imensas possibilidades de circulação no espaço.

Sendo o ponto de partida a análise das fontes informativas disponíveis, pretende-se o seu enquadramento nas evidências de terreno, com vista ao conhecimento dos traçados viários ainda identificáveis.

A nova campanha de reconhecimento e registo que se pretende executar visa assim a salvaguarda e valorização da estrada romana do “alicerce”, promovendo o seu

conhecimento e divulgação enquanto elemento patrimonial integrado no território concelhio.

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (2006) - As vias romanas de *Olisipo* a *Augusta Emerita*, Conímbriga, XLV, 211-251.

ALARCÃO, J. de (1988) - *Roman Portugal*. Warminster: Aris& Phillips, 1988. 4 vol. Vol. 1: Introduction. Vol. 2 (fasc. 1): Porto, Bragança, Viseu. Vol. 2 (fasc. 2): Coimbra, Lisboa; Vol. 2 (fasc. 3): Évora, Lagos, Faro. BA: PI/Ala., 150.

ALMEIDA, M.^a José, *et al.* (2001) - De Augusta Emerita a Olisipo: proposta de traçado para o primeiro troço da via XII do Itinerário de Antonin. *Arqueologia do Norte Alentejano: comunicações das 3as Jornadas*. Lisboa: 193-201.

CARNEIRO, André (2004) - *Povoamento romano no actual concelho de Fronteira*. Lisboa: Edições Colibri/ Câmara Municipal de Fronteira/ Câmara Municipal de Cascais.

CARNEIRO, André (2008) - *Itinerários Romanos do Alentejo. Uma releitura de “As Grandes Vias da Lusitânia – O itinerário de Antonino Pio” de Mario Saa, cinquenta anos depois*. Évora: CCRA.

CARNEIRO, André (2011) - *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Évora.

PEREIRA, Félix Alves (1937) - Considerações sobre a interpretação do “Itinerarium” romano, na parte relativ às ligações viárias de “Olisipo” a “Emerita”, capital da “Lusitania”. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, 2:33-111.

RODRÍGUEZ MARTÍN, F.G. (2008) - Las vias romanas de Lusitania: el trazado en el conventus emeritense y su proyección hacia la fachada atlântica. *Anas*, 21-22:415-419.

SAA, Mário (1956) – *As grandes vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio*, Tomo I, Livro IV, Lisboa [Edição de autor].

VASCONCELLOS, José leite de (1929) - Antiguidades do Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1^a série: 28, 158.

FONTES DOCUMENTAIS

Fundo documental: Câmara Municipal de Monforte; Secção:M/ Obras; Subsecção: M/A Edificações Municipais; Série: Cópia do relatório apresentado pela comissão de peritos sobre a Cana da Alicerce; Ano: 1911

CARTOGRAFIA

ABREU, J.A. (1858)

Planta da herdade do Assumar, propriedade da Sereníssima Casa e Estado de Bragança, situada junto da Villa do mesmo nome. Levantada pelo Tenente Coronel Engenheiro, J. A. de Abreu, em 1858. Consulta disponível em <http://purl.pt/3365>.

Planta cadastral da herdade do Assumar à escala 1:5000. Séc. XX. Disponível para consulta na Câmara Municipal de Monforte.

Cartas Militares de Portugal à escala 1:25000 (371, 372 e 385). Serviço cartográfico do exército. Levantamento de 1970.

Figura 2 - Transcrição de informações acerca da via romana do Assumar (Monforte), contidas no Relatório apresentado pela Comissão de Peritos encarregada do reconhecimento da Canada do Alicerce nos concelhos de Arronches, Crato, Monforte e Portalegre, de 1911.

Prédios	Localização do prédio em relação à canada	Direção do alicerce	Canada Comp./Largura	Confrontações com prédios situados além do alicerce	Prédios com que limitam	Observações
Outeiro	OSO	NNO para SSE	822/24,60m	Joanna Dias, Taipas e Casa Branca	Mouco e Escravides	Neste prédio está muito conhecido o Alicerce . A 354m atravessa o caminho de Escravides para a Casa Branca . A 368m está sobre o Alicerce um forno de cal antigo. O caminho segue para ENE junto ao Alicerce .
Escravides	OSO	NNO para SSE	650/24,60m	Casa Branca e Pereiras = Montinho =	Outeiro e Coutada	A 230m encontra-se um marco antigo. A 510m atravessa o caminho das Escravides para a Casa Branca . O caminho segue por ENE distante do Alicerce até 540m, e d'aqui por deante segue a par do Alicerce .
Coutada	OSO	NNO para SSE	2449/24,60m	Pereiras	Escravides e Horta da Moura	A 180m, está um forno de cal antigo sobre o Alicerce e a 2240m, outro. A 1:085m, bifurca-se o caminho seguindo um para a estação d' Assumar . A 1825, atravessa a estrada Districtal n.º 83. A 1996m, atravessa um caminho para a estação do caminho de ferro. A 2400m, atravessa a linha do caminho de ferro de Leste , precisamente no Km 225. O caminho segue a par do Alicerce por ENE . A 420m, passa para OSO e daqui até 900m alarga muito a estrada seguindo depois com uma largura média de 4m. A 1:085 m passa o caminho para ENE e desvia-se. A 1:600m, o caminho segue pelo Alicerce até 1890m, que passa para ENE .
Horta da Moura	SSO	ONO para ESE	90m/20,50m	Olival das Pereiras	Coutada e Ferragial Grande	O caminho segue muito desviado. Uma sebe que veda este prédio está sobre o Alicerce .
Ferragial Grande	SO	NO para SE e O para E	320/20,50m	Mosqueiros e Olival das Pereiras	Horta da Moura e Olival = Sanja =	A parede deste prédio vai sobre o Alicerce . A 230m, atravessa uma canalização d' águas para a horta de Francisco José Romão d' Assumar .

= Sítio da Sanja =									
Olival = Sítio da Sanja =	S	O para E	64/20,50m	Mosqueiros	Ferragial Grande e Azinhaga da Carreira	A 64m, atravessa um caminho para os Mosqueiros denominada Azinhaga da Carreira . A parede segue pelo Alicerce . A parede segue pelo Alicerce			
2º Olival = Sítio da Sanja =	SSO	ONO para ESE	45/20,50m	Mosqueiros	Azinhaga da Carreira e Olival	A parede segue pelo Alicerce			
Olival Sítio da Sanja	SSO	ONO para ESE	26/20,50m	Mosqueiros	Olival Ferragial e Olival	A parede segue pelo Alicerce			
Ferragial e Olival	SSO	ONO para ESE	361/20,50m	Mosqueiros	Olival e terreno concelhio	A 332m, começa a parede da casa da Estalagem da Fonte da Vila com 29 m, de comprimento. A 361m, passa o caminho de Mosqueiros para o caminho velho de Portalegre. A parede segue sobre o Alicerce.			
Naves	SSO NNE	ONO para ESSE ONO para ESE	1226/20,50m 110/10,50m 60/14m 50/6m	Courella dos Mosqueiros Tapadas da fonte da Villa Courella das Cannas e Naves	Terreno concelhio e Cannas	Na estensão de 110m, está compreendida na Canada um ramal de estrada a Mac-Adam que liga com o caminho velho de Portalegre. O Alicerce segue pela parede de uma tapada Fonte da Villa depois pela linde. De 110m, ate 650m, descontamos na largura da Canada 3,50m, porque sendo dada a largura média de 5m ao Alicerce, está uma caminho com 6m quando só lhe pertence dar 2,50m. A 142m, bifurca-se o caminho mas só um é transitado. A 300m, desvia-se o caminho para NNE. A 1:320m, está muito conhecido o Alicerce. O Alicerce desvia-se da linde de 650m, a 700m, ficando uma porção d'este prédio além do Alicerce com a largura média de 6m.			
Cannas	OSO ENE	NNO para SSE NO para SE	1015/20,50m 210/4m 60/18m 120/10m	Courella das Cannas e Alcaide	Naves e Alcaide	Coincidem o Alicerce e o sesmo de Portalegre e Monforte. A 180m está o Alicerce muito conhecido bem como a 660m. A 900m, vae o Alicerce pelo caminho até aqui segue o caminho afastado por			

								ENE. De 1:290m até 1500m, fica além do Alicerce uma parte d'este prédio com a largura média de 4m; de 1500m, a 1560m, com a largura de 18 m e de 1560 a 1620m com 10 metros de largura.
Alcaide	SO	NO para SE	615/20,50m	Alcaide =Urra=	Alcaide e Retacho	Monte Grande e Escudeiro	Alcaide e Escudeiro	Coincidem caminho, Alicerce e sesmo. A 126m está bem conhecido o Alicerce. A 427m, bifurca-se o caminho seguindo um para NE para Portalegre. O caminho segue pelo Alicerce até 200m, em que passa para NE seguindo a par do Alicerce. A 356m passa para SO e continua seguindo a par do Alicerce. A 94m atravessa o caminho do Alcaide para o Monte Grande. O Alicerce segue pelo sesmo. O caminho segue para SO e a 92m desvia-se. A 540m passa para NE.
Monte Grande	SO	NO para SE	1013/20,50m	Alcaide e Retacho	Alcaide e Retacho	Monte Grande e Costa	Alcaide e Escudeiro	A 94m atravessa o caminho do Alcaide para o Monte Grande. O Alicerce segue pelo sesmo. O caminho segue para SO e a 92m desvia-se. A 540m passa para NE.
Escudeiro	OSO	NNO para SSE	1035/20,50m	Retacho e Chaminé	Retacho e Chaminé	Escudeiro e Caldeireiro	Monte Grande e Costa	O caminho por ENE distante do Alicerce. A 240m, passa o caminho para OSO e segue a par do Alicerce. De 750m, em diante segue o caminho pelo Alicerce.
Costa	SSO	ONO para ESE	820/20,50m	Chaminé	Chaminé	Costa e Bedanaes	Escudeiro e Caldeireiro	A 90m, está muito conhecido o Alicerce. A 390m atravessa a estrada Nacional n.º 72. O caminho segue por SSO distante do Alicerce.
Caldeireiro	SSO	ONO para ESE	762/20,50m	Chaminé	Chaminé		Costa e Bedanaes	A 180m, está muito conhecido o Alicerce. De 380m, a 482m, está guardado o Alicerce na largura média de 5m. A 78m, está o Alicerce no caminho muito conhecido.
Bedanaes	SSO	ONO para ESE	2860/20,50m	Chaminé, Silveira e Cabeça	Chaminé, Silveira e Cabeça		Caldeireiro e Ronha	A 30m, bifurca-se o caminho seguindo um para NNE. A 170m, atravessa o Ribeiro da Chaminé. A 330m, atravessa o Ribeiro de Bedanaes. A 570m, está no Alicerce um nascente d' água abundante. De 366m, em diante vai o Alicerce pelo sesmo. A 1:088m, atravessa o caminho de Vaiamonte para Portalegre. A 1770m, passa o caminho da Cabeça para os Bedanaes. A 2250m, atravessa a estrada de Cabeço de Vide para Portalegre. A 1920m, atravessa um caminho de serventia d' herdades. O caminho

